

LEITURA: UMA PROPOSTA

Regina Marta Fonseca Gonçalves¹
Maria Aparecida da Silva Stevanato¹
Ana Beatriz Tomasi Guimarães²

RESUMO: Este trabalho apresenta algumas técnicas para incentivar o aluno a desenvolver o hábito de leitura e realizar uma leitura mais efetiva. Levando em consideração que o aluno normalmente tem dificuldades na atividade de leitura, acreditamos que cada vez mais se faz necessária a elaboração de estratégias de leitura. Com este objetivo, utilizamos estratégias formuladas por Solé (1998) cujas atividades de leitura podem conter inúmeros objetivos em situações e momentos diversos. Na opinião da autora todos esses objetivos merecem ser considerados. Assim, apresentamos um estudo dos momentos de pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura elaborados pela autora já citada. O texto escolhido é “Aquele Estranho Animal” de Mario Quintana. O que levamos em consideração para a escolha deste texto, foram às variedades de aspectos que poderiam ser abordados em todos os momentos da leitura, motivando e despertando os interesses dos alunos no que diz respeito à decodificação, à compreensão, à interpretação e à retenção do material de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, motivação, decodificação, compreensão e interpretação.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho é elaborar uma técnica de leitura para os alunos do ensino fundamental a partir do tema Cultura Brasileira. A intenção é fazer com que os alunos alcancem uma leitura avançada do texto e percebam as minúcias da cultura e do folclore gaúcho e, ainda, do tradicional choque do avanço tecnológico e industrial em relação a uma harmonia utópica e ideal que dominava a região. Para isso, tomaremos o texto “Aquele Estranho Animal”, de Mário Quintana.

Para a escolha deste texto, levamos em consideração as variedades de aspectos que poderiam ser abordados em todos os momentos da leitura.

Assim, motivar e despertar o interesse dos alunos pela região do Rio Grande do Sul foi um dos objetivos propostos.

Organizando Conceitos

Para realizar essa proposta de leitura utilizamos estratégias formuladas por Solé (1998). Segundo a autora, as atividades de leitura podem conter inúmeros objetivos, além da possibilidade de serem realizadas pelos leitores em situações e momentos diversos. Para ela, todos os objetivos criados em torno do ato de ler precisam ser considerados. Portanto, as técnicas de leitura podem ser construídas de acordo com o que se deseja, pois, preparando o aluno para os momentos de pré-leitura, de durante leitura e de pós-leitura, o resultado da prática dessa atividade será mais efetivo.

Acreditamos que é fundamental para o professor de Língua Materna desenvolver adequadamente um planejamento para uma prática, além de ter uma concepção de leitura formulada. Isso pode ajudar o aluno-leitor a decodificar significativamente o texto, possibilitando uma compreensão mais abrangente, e uma interpretação mais eficaz do objeto de leitura que se tem à disposição.

Após a aplicação da proposta de leitura, é necessário que o professor esteja preparado para analisar o resultado de seu trabalho, pois a leitura realizada pelo aluno depende do grau de inferência que ele consegue fazer no texto.

Para Kato (1985), um leitor maduro é aquele que atribui e extrai informações do texto, conseguindo, assim, fazer a integração completa deste com a sua realidade.

De acordo com Cagliari (1997, 149) “Às vezes, ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico.” Podemos considerar, então, que é um trabalho paciente, perseverante, persistente e desafiador.

No entanto, sabemos que para se chegar a uma concepção de leitura é preciso que se tenha passado pela experiência e adquirido alguns conhecimentos do aprender a ler. Nesse sentido, a leitura precisa ser significativa para o professor, pois só assim ele poderá motivar e transmitir aos seus alunos a importância deste ato no processo de aprendizagem.

Para Solé (1998, 90), “a principal idéia é a concepção que o professor tem sobre a leitura, o que fará com que ele projete determinadas experiências educativas com relação a ela”. Refletindo sobre as palavras da autora, construímos algumas concepções de leitura, para que, através delas, o ensino e a aprendizagem da leitura se tornem mais eficientes e produtivos.

Assim, podemos afirmar que ler é um momento de aprendizagem em que se vive uma situação real de leitura. Embora saibamos que ler para aprender seja apenas uma finalidade em si mesma, esta será facilitada se tivermos objetivos concretos de aprendizagem. Por isso, ao se escolher um determinado texto, o aluno-leitor precisa saber o que se espera que ele aprenda com aquele material de leitura proposto. Portanto, a orientação do professor na atividade de leitura é fundamental.

Ler também pode ser uma atividade de prazer. Ao lermos voluntariamente, a leitura poderá nos causar bem-estar, satisfação. Cuidadosamente estimulada pela motivação pessoal, ou seja, pelo objetivo próprio, individual.

Ler ainda pode ser uma forma de se praticar leitura em voz alta. Neste caso, o professor poderá apontar os objetivos desejados que podem ser: a clareza, a rapidez, a fluência e correção, a pronúncia adequada, respeitando as normas de pontuação e até a entoação requerida.

Mas ler não é apenas isso. Ler pode ser também um

¹ Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense. reginamarta.goncalves@bol.com.br

¹ Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense. anitastevanato@ibest.com.br

² Professora Mestre em Linguística Aplicada – Universidade Paranaense. wguimaraes@wnet.com.br

processo de revisão do próprio escrito. Ao escrever algo temos objetivos diversos. Ao se verificar a própria escrita podemos conferir se através dela estamos transmitindo-os.

Sobretudo, ler é um processo de interação entre leitor e texto. É compartilhar os objetivos, buscar soluções, questionar o que não entendeu, ou dizer o que se entendeu.

As concepções de leitura são muitas, depende de cada pessoa, do momento vivido pelo leitor, dos objetivos de cada um. Por isso, não podemos afirmar que uma concepção seja melhor que a outra, mas, diferentes.

Aquele Estranho Animal

Os de Alegrete dizem que o caso se deu em Itaqui, os de Itaqui dizem que foi no Alegrete, outros juram que só poderia ter acontecido em Uruguaiana. Eu não afirmo nada: sou neutro.

Mas, pelo menos me contaram, que o primeiro automóvel que apareceu entre aquela brava indiada, eles o mataram a pau, pensando que fosse um bicho. A história foi assim como já lhes conto, metade pelo que ouvi dizer, metade pelo que inventei, e a outra metade pelo que sucedeu às deveras. Viram? É uma história tão extraordinária mesmo que até tem tre metades... Bem, deixemos de filosofanças e vamos ao que importa. A coisa foi assim, como eu tinha começado a lhes contar.

Ia um piázinho estrada fora no seu petiço – trop, trop, trop – (este é o barulho do trote) – quando de repente ouviu – fufufupubum! Fufufupubum chiiiiipum!

E eis que a “coisa”, até então invisível, apontou por de trás de um capão, bufando que nem touro brigão, saltando que nem pipoca, que nem velha coroca, chiando que nem chaleira derramada e largando fumo pelas ventas como a mula-sem-cabeça.

“Minha Nossa Senhora!”

O piázinho deu meia-volta e largou numa disparada louca rumo da cidade, com os olhos do tamanho de um pires e os dentes rilhando, mas bem cerrados para que o coração aos corcoveios não lhe saltasse pela boca.

É claro que o petiço ganhou luz do bicho, pois no tempo dos primeiros autos eles perdiam para qualquer matungo.

Chegado que foi, o piázinho contou a história como pôde, mal e mal e depressa, que o tempo era pouco e não dava para maiores explicações, pois já se ouvia o barulho do bicho que se aproximava.

Pois bem, minha gente, quando este apareceu na entrada da cidade, caiu aquele montão de povo em cima dele, os homens uns com porretes, outros com garruchas que nem tinham tido tempo de carregar de pólvora, outros com boleadeiras, mas todos de a pé, porque também nem houvera tempo de montar, e as mulheres umas empulhando as vassouras, outras as suas pás de mexer marmelada, e os guris, de longe, se divertindo com os seus bодоques, cujos tiros iam acertar em cheio nas costas dos combatentes. E tudo abaixo de gritos e pragas que nem lhes posso repetir aqui.

Até que houve uma pausa para respiração.

O povo se afastou, resfolegante, e abriu-se uma chaleira, no meio da qual se viu o auto emborcado, amassado, quebrado, escangalhado, e não digo que morto porque as rodas ainda giravam no ar, nos últimos transes de uma teimosa agonia. E quando as rodas pararam, as pobres, eis

que o motorista, milagrosamente salvo, saiu penosamente engatinhando por debaixo dos escombros de seu ex-automóvel.

A la pucha! Exclamou então uma guasca, entre espantado e penalizado – o animal deu cria!

A seguir apresentamos uma proposta como tentativa de concretizar estas teorias. Um Possível Caminho...

Elaborar uma proposta de leitura é algo que promove a cidadania de maneira efetiva, pois o aluno, inserido na atividade de leitura, pode se tornar um indivíduo crítico.

Por isso, num primeiro momento, pode-se oferecer aos alunos certos desafios relativos à temática escolhida, fazendo com que eles usem a sua imaginação. Nesse sentido, antes que entrem na sala o professor deixa-a o mais escura possível, coloca tiras de papéis e de barbantes presas ao teto de forma que, quando eles andem pela sala, tenham a sensação física de folhas roçando os seus rostos. Podemos, também, colocar uma música que tenha como tema o som das matas, passarinhos cantando, etc. Em seguida, deixamos passear pela sala por alguns minutos para que sintam “o campo”. E, então, o professor poderá dizer algo como: “existe uma mata, há um barulho estranho, alguma coisa começa a apontar no fundo da mata, lá na estrada... o que vocês acreditam que pode ser?”.

Após esse momento, apresenta uma transparência com um desenho que mostra uma paisagem rural e um homem montado num cavalo. Logo após, podemos ativar o conhecimento prévio dos alunos levantando as seguintes questões: “Quem pode ser esse homem? Qual o tipo de roupa ele está vestindo? Você acha que as roupas que ele veste representam alguma coisa para ele? De onde será esse homem?”. Após as possíveis inferências feitas sobre o texto não verbal, podemos apresentar o texto verbal perguntando-lhes: “Vocês acham que esse homem pode ser um típico gaúcho? Sabem como é o sotaque dos gaúchos?”, ou ainda, “Alguém sabe sobre os costumes dessa região?”

Somente depois desta introdução é que podemos dar início à leitura do texto, primeiro silenciosamente para depois fazê-la em voz alta. Toda a leitura pode ser feita com o acompanhamento do texto na transparência, assim, fica mais fácil levar os alunos a lerem as entrelinhas, fazendo-os verificar as possíveis respostas às questões levantadas pelo professor. Nesse sentido, os alunos terão a chance de descobrirem os termos regionais, a linguagem simples das pessoas da região referida no texto.

Mais do que isso, podemos levá-los a perceber que existem variações lingüísticas que se evidenciam nas falas das personagens: “Vocês perceberam que eles falam de uma forma diferente da que estamos acostumados em nossa região?”, e a partir daí estimulá-los a mostrar os trechos das falas das personagens, enfatizando os termos lingüísticos típicos do falar gaúcho.

É fundamental fazer com que percebam as marcas lingüísticas usadas na construção do texto, questionando-os: “O que mais chamou a sua atenção no texto? Quem estava contando a história?”

Outra atividade possível de ser realizada é fazer uma interdisciplinaridade com as aulas de geografia, buscando incitar a curiosidade dos alunos para encontrar as cidades de Itaqui, Alegrete e Uruguaiana no mapa do Rio Grande do

Sul. Essa atividade os levará ao contato com mais um tipo de texto – o mapa – que deve ser objeto de leitura na escola.

Na seqüência, podemos usar a prática dialógica para fazer com que os alunos soltem a sua imaginação a partir da tentativa de resposta à pergunta: “O que vocês acreditam que o garoto pode ter dito para o povo da cidade?”

Na atividade de pós-leitura podemos incentivar o aluno a pesquisar casos ocorridos em outras regiões brasileiras, montando uma sessão de apresentação dos alunos para as outras turmas da escola. Isso estimularia a pesquisa, tornando-a mais um objetivo para se fazer uma leitura avançada sobre os materiais disponíveis em bibliotecas e Internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a realização de um trabalho como este não é algo que podemos construir sem um profundo

estudo prévio sobre o que seja a leitura e sobre quais os procedimentos adequados para a concretização dessa atividade em sala de aula. O fato de elaborarmos estratégias adequadas à realidade do aluno faz com que nós, educadores, exercitemos o nosso lado pesquisador, sempre em atividade, pois, somente assim, poderemos buscar novos conhecimentos e fazer com que sejamos ativos no trabalho educacional que realizamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999.

QUINTANA, M. **Prosa & verso**. 8. ed. São Paulo: Globo, 1998.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.